

HERÓDOTO E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

MOACYR FLORES*

RESUMO

Este artigo é uma reflexão sobre a metodologia da narrativa em prosa e a técnica de pesquisa de observação e de consulta à tradição oral. Heródoto usa a filosofia de Anaxágoras para descobrir a origem das coisas ou fatos. Examinando a complexidade cultural do Egito, Heródoto determina como unidade o rio Nilo: é egípcio tudo o que o rio banha. Ao construir sua narrativa, Heródoto questiona os mitos e critica a memória inventada pelos poetas.

PALAVRAS-CHAVES: cultura; Egito; História; mitos.

ABSTRACT

This study is aimed at discussing about the prose narrative methodology and the research technique of observation and consultation to the oral tradition. Herodotus used the philosophy of Anaxagoras to find out the origin of things or facts. Herodotus examined the cultural complexity of Egypt, and determined the Nile River as its unity: everything the river reaches is Egyptian. Throughout the narrative, Herodotus questions myths and criticizes the memory invented by poets.

KEYWORDS: culture; Egypt; History; myths.

Heródoto (484 a 420 a. C.), chamado pai da história, nasceu em Halicarnassos, na antiga Cária, atualmente Bodrum, na Turquia. Embora território de cultura helênica, a Cária era província do império persa. Por esse motivo a família de Heródoto opunha-se ao tirano de Halicarnassos, o que determinou seu exílio.

Persas e gregos lutavam pelo domínio do mar Mediterrâneo. Cambises II conquistou o Egito em 525 a. C. O sucessor do trono persa, Dario I, esteve no Egito em 518 a. C., adotando símbolos egípcios do poder. A vitória dos gregos sobre os persas em Maratona, em 490 a. C., provocou vários levantes no Egito e na Pérsia. Em declínio, o governo persa assinou armistício com os gregos em 449 a. C. É justamente de 449 a 448 a. C., no reinado de Artaxerxes I Longímanso (465-424), da

* Professor visitante – ICHI-FURG.

XXVII dinastia, que Heródoto navegou pelo rio Nilo, observando a geografia e anotando as informações dos sacerdotes.

Em suas viagens percorreu as cidades costeiras do Mediterrâneo, colonizadas pelos helenos, e a Lídia, Sárdis, Anatólia, Babilônia, Assíria, Susa e Ecbátana. Navegou maravilhado pelo rio Nilo até a ilha de Elefantina. Viajou pelo mar Negro e, semelhante aos argonautas, chegou a Cólquis, cidade onde o mítico Jason encontrou-se com a feiticeira Medéia.

Heródoto escreveu sua obra entre 445 a 425 a. C., tendo como tema as guerras pérsicas, e criou um novo gênero narrativo baseado na pesquisa (historíai), na descrição geográfica e na comparação da cultura helênica com a dos chamados bárbaros. Em Atenas leu parte de sua obra, recebendo o prêmio de dez mil talentos.

Como Heródoto construiu a História, separando-a da literatura e do mito?

Podemos dizer que eram cinco amigos: Heródoto, Péricles, Anaxágoras, Sófocles e Eurípedes, e que dessa convivência nasceram a metodologia e a técnica de pesquisa (historíai em grego) que separou a história da literatura.

Ao todo 15 vezes elegeu-se Péricles ao cargo de estrategista de Atenas. Governou com democracia e desenvolveu a política cultural do Estado. É com a visão democrática de Péricles que Heródoto classifica Quéops como um tirano responsável pela miséria do povo egípcio e como infame por prostituir sua filha num bordel, a fim de conseguir mais dinheiro (HERÓDOTO, 1985, p. 129)¹.

O amigo Sófocles era o poeta trágico que venceu 20 concursos dramáticos, dos quais restam apenas sete tragédias, entre elas *Ajax*, *Antígona*, *Édipo Rei* e *Édipo em Colona*. Eurípedes, outro poeta trágico, escreveu 92 tragédias, das quais restam 17, entre as quais *Medéia*, *Hipólito*, *As suplicantes*, *Ifigênia em Tauris*, *Ifigênia em Auslis* e *As Bacantes*. Graças à amizade com Sófocles e com Eurípedes, foi possível estabelecer uma crítica contundente aos poetas criadores de mitos.

O sistema filosófico do amigo Anaxágoras partia do princípio que a natureza é composta por número infinito de elementos semelhantes, em cuja composição reside a origem de todas as coisas. Para o filósofo Anaxágoras, o espírito movimentava o conjunto da coisa material. Heródoto utiliza a filosofia de Anaxágoras em suas pesquisas.

Heródoto estabeleceu duas regras: ver com seus olhos e confiar no depoimento oral. Graças às comparações das culturas bárbaras com

¹ As citações de Heródoto são extraídas da obra *História* (Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1985) e serão indicadas apenas pelos números das páginas entre parênteses.

a cultura grega, é possível estabelecer algumas ilações sobre a Grécia Antiga (MOMIGLIANO, 1984, p. 15).

Ao observar os bárbaros, Heródoto olha para si mesmo, porque compara as diferentes culturas com os helenos. É interessante notar que a mitologia grega identifica os monstros como nascidos em terras estrangeiras, como por exemplo, a bela mulher que habitava a Líbia e foi transformada na horrenda criatura Medusa, cujo olhar terrível petrificava as pessoas.

Seguindo a filosofia de Anaxágoras, Heródoto em suas viagens tenta descobrir qual a cultura mais antiga que originou as demais. Conhecendo as diferenças dos povos bárbaros seria possível conhecer as diferenças entre os Estados gregos.

Em sua viagem ao Egito, Heródoto observa e se informa sobre os diferentes elementos em busca de unidade. Suas observações iniciam no delta do rio Nilo, navegando em seus canais e observando as ilhas fertilizadas por aluviões, criando a célebre afirmação: “o Egito é um presente do rio Nilo” (p. 90). Conseguiu assim estabelecer a unidade do Egito: tudo que o rio Nilo banha é o Egito, fato confirmado inclusive por oráculo.

Heródoto descreve as margens do grande rio, as aluviões que fertilizam o solo, e argumenta que as cheias acontecem pela atração do sol e que é infundada a explicação de derretimento de neve em território quente, bem como o transbordamento do rio Oceanos, que circunda a terra. Como não conhece nenhum rio Oceanos, Heródoto ironiza supondo que tal rio deve ser criação de Homero ou de algum outro poeta (p. 95).

Heródoto afirma que os habitantes das regiões pantanosas do delta adotam os mesmos costumes dos demais egípcios. Cada homem possui apenas uma mulher, como acontece na Hélade. Durante as cheias o Nilo deposita aluviões que favorecem o crescimento de várias espécies de lírios, denominados de lótus, que são colhidos e secos ao sol. Os egípcios pilavam a parte central para fazer uma espécie de pão. Há uma variedade de lótus que produz semente comestível. Os peixes completavam a alimentação. Cultivavam a cevada para a fabricação de cerveja.

Segundo o historiador, o papiro também era aproveitado na alimentação, cozido em forno. Na realidade não se referia às hastes de papiro das quais preparavam o suporte para a escrita, mas ao bulbo de outra espécie de papiro que era pilado e transformado em farinha para fazer uma espécie de pão.

Por ser um viajante que navega ao longo do rio Nilo, as informações de Heródoto às vezes são incompletas ou contraditórias, pois afirma que os egípcios não conheciam o vinho, mas fabricavam

uma espécie de cerveja. No entanto, quando descreve o sacrifício de bois Ápis, refere-se ao vinho que derramavam sobre o animal. (p. 101).

Na tumba de Sennefer, da XVIII Dinastia, há um painel com homens colhendo uvas, outros as esmagando com os pés e várias ânforas com selos, com nome do produtor e local de origem do vinho (CASSON, 1969, p. 119).

Quando degolavam o animal, os sacerdotes lançavam maldições sobre sua cabeça. Os egípcios não comiam a cabeça de animais, mas vendiam-na aos helenos e negociavam o couro no mercado. Os sacerdotes retiravam o estômago e deixavam as demais vísceras. Continuando a descrição do ritual, Heródoto explicou que os sacerdotes enchiam a carcaça do animal com pão duro, mel, passas, figos, incenso, mirra e espargiam azeite sobre ela. Os sacerdotes se flagelavam enquanto cozinhavam a carcaça. Quando pronta, cortavam-na em pedaços e comiam (p. 101).

Os egípcios não sacrificavam vacas, por serem consagradas à deusa Ísis. Como os helenos comiam carne de vaca, nenhuma mulher egípcia beijaria um heleno na boca. Em Tebas sacrificavam ovelhas, mas não tocavam em cabras. Quem criava porcos era considerado inferior e não era aceito por outros grupos sociais.

Heródoto informa que no Egito havia poucos animais e todos eram considerados sagrados. Homens e mulheres eram designados guardiões para prover a alimentação de cada espécie. Se alguém matava involuntariamente um animal, pagava uma penalidade estipulada pelos sacerdotes. Quem matasse um falcão ou íbis seria condenado à morte. Quando morria um animal sagrado, era embalsamado. Os habitantes da ilha de Elefantina não consideravam os crocodilos sagrados e até os comiam. Os peixes, patos, codornas e pequenas aves, não sagrados, eram assados ou cozidos para comer (p. 110).

Nas barrancas do rio Nilo e em volta dos pântanos, os egípcios plantavam mamona, colhiam o fruto e o esmagavam para a fabricação de óleo de iluminação. Heródoto informa que a mamona crescia na Hélade em estado selvagem.

O primeiro historiador critica a obra de Homero, apresentando a versão de sacerdotes egípcios sobre o rapto de Helena. Essa versão refere que o raptor Alexandros (Páris) roubou o tesouro do rei Menelau e fugiu com a rainha Helena para Mênfis, no Egito. Os helenos atacaram Tróia, apesar dos protestos dos troianos, que diziam não ter Helena, nem o tesouro. Menelau e os aqueus não acreditaram, capturaram e saquearam Tróia, verificando então que Helena e as riquezas estavam em Mênfis. Menelau viajou para o Egito e foi bem-recebido por Proteus, que lhe entregou Helena incólume e as riquezas

roubadas. Menelau, ao ter suas galeras detidas pelo mau tempo, raptou duas crianças egípcias e as sacrificou. Por tal crime os egípcios perseguiram Menelau, que fugiu com suas naus para a Líbia, portanto teria subido o rio Nilo (p. 124).

Heródoto afirma que Homero conhecia essa história, pois em dois versos da *Odisséia* cita que Menelau ficou retido no Egito, mas “o poeta a rejeitou deliberadamente porque esta versão não convinha tão bem à poesia quanto a por ele usada” (p. 123).

A *Ilíada* e a *Odisséia* são a invenção poética da tradição e dos mitos religiosos. Ao criticá-las, Homero combate a falsa identidade dos helenos, demonstrando que eles não conhecem suas origens. Não podemos esquecer que Heródoto está criando uma nova narrativa em prosa, baseada na pesquisa, e por isso não confia “em qualquer coisa dita pelos poetas” (p. 125).

Heródoto considera a cultura egípcia a mais antiga e que teria contribuído na formação da cultura helênica. Conforme suas observações sobre religião, crer nos deuses era uma prática social tanto dos helenos como dos egípcios.

Segundo Heródoto, os helenos não sabiam qual a origem de seus deuses e nem se eles sempre existiram. Teria sido Homero e Hesíodo que em seus poemas atribuíram formas, honrarias e funções aos deuses que vieram do Egito através dos navegadores helenos e dos pélagos que habitavam a Samotrácia. Os únicos deuses que não vieram dos egípcios eram Posêidon, os Dióscuros, Hera, Têmis, as Graças e as Nereidas.²

Continuando a busca da origem dos mitos, Heródoto reproduz o que os sacerdotes contaram sobre o Rei Rampsinitos, que desceu ao Hades e jogou dados com Deméter, ganhou algumas partidas e perdeu outras; retornou ao Egito com um guardanapo de fios de ouro, presente de Deméter. Anualmente os egípcios realizavam um festival com representação do mito: um sacerdote de olhos vendados era guiado por dois lobos até um templo distante, simbolizando o Hades, retornando ao festival. Heródoto arremata essa história com ironia: “façam bom uso desta história as pessoas que acreditam”.

Outro mito refere-se a Miquerinos, que se apaixonou pela filha. Depois de ter relações com o pai, a filha se enforcou. Miquerinos determinou que o corpo dela fosse colocado dentro de uma vaca de

² Após a vitória contra os Titãs, Zeus vitorioso ficou com o céu; Posêidon recebeu a terra e o mar, e Hades, o reino dos mortos. Castor e Pólux, filhos de Zeus, são designados por Dióscuros. Hera é esposa de Zeus e protetora das mulheres casadas. As Graças participam dos banquetes dos deuses e do leito dos recém-casados. Têmis é a justiça, filha do céu e da terra. As cinquenta Nereidas eram divindades menores, filhas de Nereu e de Dóris, uma Oceânida.

madeira. Junto a esse ataúde mandou colocar 20 estátuas de madeira, representando as servas da princesa. A mãe da princesa mandou cortar as mãos das 20 estátuas como castigo às servas que não cuidaram de sua ama. Heródoto considera uma frivolidade essa narrativa, pois as mãos de madeira caíram com o tempo, conforme ele as viu no chão da tumba (p. 129-130).

Possivelmente a princesa morreu de parto e não se enforcou em desespero, pois o incesto era comum na família real egípcia, além disso o ataúde em forma de vaca representaria o culto à deusa Hátor do amor e do parto.

Os povos antigos recorriam ao oráculo para saber a vontade dos deuses. O oráculo mais antigo era de Zeus em Dódona, no Épiro. O de Apolo estava em Dídimos, na Ásia Menor, e outro, o mais famoso, em Delfos. Heródoto reproduz a informação de sacerdotes egípcios de que os fenícios raptaram duas sacerdotisas de Tebas, junto ao rio Nilo, vendendo uma na Líbia e outra em Dódona, no Épiro. Segundo as profetisas de Dódona, uma pomba negra pousou num carvalho e falou com voz humana, dizendo que ali deveria haver um oráculo de Zeus. Os habitantes de Dódona construíram o oráculo, conforme confirmaram as sacerdotisas daquele templo. Heródoto interpreta o mito como uma sacerdotisa egípcia que fora raptada e vendida como escrava e que construiu um santuário a Zeus junto a um carvalho. Por ser bárbara e falar uma língua estranha, os habitantes locais a chamaram de pomba (p. 106-107).

As procissões e os sacrifícios, conforme Heródoto, pareciam ser instituídos primeiro pelos egípcios, tendo os helenos aprendido esses rituais no Egito. Heródoto informa que os egípcios eram escrupulosos em relação às prescrições referentes aos seus deuses e templos (p. 109).

O panteão egípcio era imenso – mais de dois mil deuses, gênios e espíritos protetores, além de animais sagrados. Cada cidade, região, rio, montanha, deserto, pântano ou lago possuía um deus. Dentro dessa plêiade divina havia nove deuses principais, que formavam uma família. Heródoto se escusa por não falar em religião, mas critica os mitos que são religiosos. Baseado nas informações dadas pelos sacerdotes transcreve que Isis, representada pela lua, ensinou as mulheres a moer o trigo, tecer o linho e fabricar cerveja. Deméter seria a deusa helênica correspondente a Isis e Hórus seria Apolo.

Podemos concluir, sem medo de errar, que Heródoto não acreditava em mitos, por serem criação de literatos sobre dados inexatos.

Os mitos, para Platão, supriam a falta de conhecimento: “na falta de saber como realmente se passaram os acontecimentos antigos, façamos de tal maneira que a falsidade tenha o máximo de aspecto possível de verdade” (VEYNE, 1984, p. 83).

Como todo viajante, Heródoto apresenta algumas curiosidades das terras por onde andou. Informou que os egípcios lavavam-se antes de entrar num templo e não permitiam que homens e mulheres copulassem no recinto, diferentemente dos helenos que não se lavavam e tinham relações sexuais dentro do templo. Outra observação curiosa é sua afirmação de que as mulheres egípcias urinavam em pé e os homens, de cócoras.

Os jovens egípcios, diferentemente dos helenos, davam passagem para as pessoas mais velhas e levantavam-se dos lugares onde estavam sentados quando elas entravam. Os transeuntes se cumprimentavam baixando a mão até o joelho (p. 113).

Depois do banquete dos ricos, um homem trazia a imagem de madeira de um cadáver, mostrava-a para os convidados e dizia: “Olha para isso e bebe e diverte-te, pois serás assim depois de morto” (p. 112).

Os sacerdotes egípcios explicaram a Heródoto os três processos de mumificação. Inicialmente apresentavam três representações em madeira dos três processos, para que fosse escolhido por quem levou o cadáver. O processo mais caro era mais complexo, iniciando com a retirada do cérebro pelas narinas do morto e as vísceras por incisão nos flancos. Depois deixavam o corpo repousar em salitre por 70 dias. Passado esse tempo, lavavam e enfaixavam a múmia. O segundo processo consistia em injetar óleo de cedro no ventre do cadáver através do ânus, que era fechado. Depois de alguns dias, o óleo era expelido. A seguir colocavam o cadáver no salitre por 70 dias. Lavavam e enfaixavam o cadáver. O terceiro processo, mais barato, consistia em esvaziar o ventre com purgante, deixando-o no salitre por 70 dias. Por causa do abuso sexual em cadáver de mulher jovem e bonita, só entregavam o corpo para embalsamar após três ou quatro dias da morte (p. 114).

Como todo viajante, Heródoto impressionou-se com as pirâmides. Descreve a monumental construção do túmulo de Quéops, dizendo que sua edificação durou 20 anos e ocasionou a miséria do povo, que trabalhou nas pedreiras, no transporte dos blocos de pedras. Cem mil homens trabalhavam em grupo, cada grupo durante três meses. A pirâmide foi construída em sucessão de plataformas para onde eram içados os blocos de pedras por guias movidas por força humana. Diante da avultada despesa na alimentação e pagamento dos trabalhadores, Quéops aumentou os impostos e fechou os templos, para que não desviassem a contribuição do povo. Os sacerdotes diziam que o faraó mandou a filha para o bordel para aumentar sua arrecadação de fundos. Ela, além de cobrar, exigia uma pedra de seus clientes e com essas pedras construiu uma pequena pirâmide (p. 128-129).

Como Quéops fechou os templos, é de supor que os sacerdotes

deram essa informação sobre o faraó, informando que ele era infame e o responsável pela miséria do povo e que prostituiu sua filha. Heródoto confia nos sacerdotes porque eles escreveram as crônicas antigas.

No final do capítulo II, dedicado à musa Euterpe, Heródoto narra a histórias dos “reis” do Egito a partir de Psaméticos, continuando com seus descendentes Necós e Psâmis, dando ênfase às obras de Âmasis, que ele considera o melhor de todos, apesar de ter reinado apenas seis anos. Âmasis permitiu a construção de Náucratis, onde passou a viver uma colônia de helenos. Também consentiu na construção de templos helenos.

Âmasis também é o responsável pela guerra contra os persas. Cambises quis casar com a filha de Âmasis, que negou, só restando aos persas a guerra de conquista do Egito.

Heródoto construiu a História com duas variáveis, o espaço e o tempo. A geografia está presente na descrição da geomorfologia, da demografia e dos recursos existentes, tanto da pecuária como da agricultura.

A variável tempo aparece na crítica dos mitos, na narrativa dos eventos históricos e na descrição do sistema de governo.

Ao separar a História da Literatura, Heródoto usa a metodologia de buscar a origem da variedade e da complexidade. Para ele a unidade do Egito está no rio Nilo, que fertiliza o vale, fornece a alimentação e é usado como meio de transporte.

Sua técnica de pesquisa é simples: observar e anotar o depoimento oral dos sacerdotes, formando assim uma nova narrativa da ação dos seres humanos através do tempo.

REFERÊNCIAS

- BELFIORE, Jean-Claude. *Dictionnaire de mythologie grecque et romaine*. Paris: Larousse, 2003.
- CASSON, Lionel. *O Antigo Egito*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- FLORES, Moacyr (Org.). *Mundo greco-romano: arte, mitologia e sociedade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- HERÓDOTO. *História*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1985.
- HESÍODO. *Teogonia, a origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *La historiografía griega*. Barcelona: Crítica, 1984.
- PEIXOTO, Paulo Matos. *Mitologia grega*. São Paulo: Germape, 2003.
- RAT, Maurice. *Mythologie, legendes des dieux et des héros grecs et latins*. Paris: Plon, 1950.
- VEYNE, Paul. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* São Paulo: Brasiliense, 1984.